

Al-Lixbūnā, uma cidade cosmopolita do Al-Andalus: os círculos literários

Natália Maria Lopes Nunes¹

Lisboa é considerada uma cidade cosmopolita desde sempre, em parte, devido à sua posição geográfica entre o rio Tejo e o mar, razão pela qual vários povos passaram por Lisboa (uma das cidades mais antigas da Europa), de entre eles, fenícios, celtas, gregos, cartagineses, romanos, vândalos e muçulmanos. Depois, com os Descobrimientos, a cidade continuou em expansão, sendo um local estratégico nas comunicações entre os restantes países da Europa e os de África, Ásia e América. Como afirmam Jacinta Bugalhão e Deolinda Folgado:

A génese da cidade de Lisboa alicerça-se na sua implantação geográfica: a ligação com o estuário do Tejo e com o mar. O carácter marítimo da cidade, há muito reconhecido para períodos históricos mais recentes, vem-se adivinhando, mercê de novos avanços da investigação histórica e arqueológica, para tempos mais remotos, na segunda Idade do Ferro, no período romano e também sob dominação islâmica. Esta característica, de cidade voltada para o exterior, expressou-se com intensidades diferentes ao longo destes períodos, mas pode considerar-se uma constante diacrónica longa. Desta forma, a cidade integrou-se nas grandes civilizações mediterrânicas, encontrando-se frequentemente no limite deste horizonte geográfico e cultural.

Lisboa é assim uma cidade mediterrânica, marítima e de transição, constituindo-se por vezes em fenómeno original conforme a história lhe vai

¹Instituto de Estudos Medievais e Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (IEM / IELT - NOVA FCSH); Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CH - ULisboa). Email: nlnunes@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-9198-8568.

ditando que se aproxime mais deste ou daquele modelo civilizacional, se vire para o seu estuário e vasto *hinterland*, ou se debruce para o oceano, se assuma como centro de decisão política ou se integre, devido à sua marginalidade, em contextos políticos mais ou menos longínquos².

Relativamente à toponímia, durante o período islâmico, o nome da cidade era conhecido por Ušbūna, Lašbūna, Lixbūnā e al-Ušbūna. Citando Carmen Barceló:

El árabe adoptó los nombres de lugar según su estado evolutivo en el latín de la zona hispana conquistada. En unas había caído la vocal inicial del grupo IL(v)-(ILĒRDA > *lārīda* > Lleida); en otras, la vocal interna (ILIBĒRRI > *ilbīra* > Elvira, Granada; ILĪCE > *ilš* > Elche, Alicante); en otras, las vocales habían además disimilado en bajo latín, como pasó con este OLISIPŌNE > *ilašbūna*. Por el silabeo árabe, los dialectos de al Andalus eliminaron la banal vocal inicial y resultaron *labīra*, *lašbūna* y *lārīda* que pasaron así, por vía oral, a los cristianos. Ante la falta de vocales en las copias mss. hay quien da la grafía manuscrita *Ušbūna*, *Lašbūna* y *al-Ušbūna* cuando edita textos árabes y quien opta por *Lišbūna* (cf. Terés 1986 117, 163). En los «Anales» de al-Rāzī (m. 975) figura la ciudad de >l'ušbūna< en una lista de denominaciones de 934, igual forma (sin *madīna*) que en otra lista de 937. Pero Ibn Ḥayyān (m. 1076), en noticia de una correría normanda en 930, escribe <'ušbūna> (*Muqtabas* V ed. 1979 356, 378, 417; trad. 211, 267, 312). La grafía del topónimo es elección del cronista, no capricho de copista o editor. Las dos primeras reflejan el nombre oficial usado por al-Rāzī al copiar los nombramientos de la cancillería califal. La otra, sin el fingido artículo, es de Ibn Ḥayyān que redactó su obra casi un siglo después y al margen del modelo Omeya. Es la ortografía culta de casi todos los cronistas, biógrafos y geógrafos del siglo XI y posteriores y base del adjetivo patronímico *Ušbūnī* (sin *Al_*). El oriental Yāqūt (ed. 4, 356; trad. n.º 324) señala con fuentes indirectas que se decía *Ušbūna* y confirma que el nombre popular que oyeron los cristianos mucho antes de 1147 era *Lašbūna*³.

Os documentos da época atribuídos a Osberno/Ranulfo e a al-Idrīsī testemunham a grandeza da cidade, onde se destacava um comércio e uma produção artesanal activos e de extrema importância, que contribuiriam também para o desenvolvimento piscícola e agrícola da região, como ponto de contacto entre as restantes cidades do Gharb al-Andalus e o resto do mundo. Saliente-se ainda o

² BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda – “O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira”. *Arqueologia Medieval* 7 (2001), p. 111.

³ BARCELÓ, Carmen – “Lisboa y Almanzor (374 H. / 985 d. C.)”. *Conimbriga: Revista de Arqueologia* vol. 52 (2013), p. 175. Disponível em https://digitalis.uc.pt/en/artigo/lisboa_y_almanzor.

conjunto das suas vias de circulação, algumas herdadas do período romano, que permitiram uma maior facilidade no contacto entre as populações e as diferentes culturas, contribuindo para o carácter cosmopolita da cidade. Deste modo, Lisboa integrava-se plenamente nas rotas comerciais islâmicas. Para o cosmopolitismo da cidade contribuíram ainda os recursos marinhos e agrícolas, a par da exploração mineira, em determinados casos, uma sequência da exploração já em época romana.

Além disso, a importância da localização geográfica de Lisboa e a sua ligação ao mar, desde a época dos fenícios, como ponto estratégico para o comércio, foi também relevante para o desenvolvimento da cidade. Por esta razão, mercadores de todo o Mediterrâneo acorriam a Lisboa para fazerem as suas transações comerciais. Segundo al-Idrīsī, Lisboa era o porto mais importante do Atlântico:

É uma cidade bonita que se estende paralelamente ao rio.

Tem muralhas e uma alcáçova inexpugnáveis.

No centro da cidade há fontes termais, quentes tanto no Inverno como no Verão.

Lisboa está à beira do Mar Tenebroso⁴.

Assim, e a par desse cosmopolitismo, a cidade de Lisboa tornou-se, durante a presença árabe em Portugal, uma cidade aberta ao Mediterrâneo, com um desenvolvimento marítimo, comercial e cultural e, entre os séculos X a XII, é uma das principais cidades do Gharb al-Andalus. Porém, há também a destacar, na Idade Média, que as viagens, e os deslocamentos de vários tipos, eram frequentes, o que permitiu um grande intercâmbio cultural entre o Ocidente e o Oriente, envolvendo a circulação de mercadorias e de ideias, nomeadamente através da milenar Rota da Seda. Desta rota, faziam parte diversos caminhos, oásis, estradas que, desde a Antiguidade, foram percorridos por mercadores, peregrinos e aventureiros, entre o território chinês e os diversos portos do Mediterrâneo, tais como Istambul, chegando também até aos portos italianos e à parte mais ocidental da Rota da Seda, o al-Andalus.

Por outro lado, o acto de viajar na civilização árabe-muçulmana, durante a Idade Média, teve uma grande importância, sendo o Mediterrâneo o palco principal dessa mobilidade. Viajar, correspondia ao despertar de si mesmo, assemelhava-se a uma viagem iniciática, tendo como modelo o profeta Maomé, também ele um viajante. Através de um dos seus *hadits*, o profeta incitou o ser humano a viajar, a fim de alcançar a sabedoria. Assim, durante a Idade Média, geógrafos, literatos, poetas, filósofos e sufis, entre outros, viajaram por diversas paragens, sendo o Mediterrâneo

⁴ AL-IDRĪSĪ, (Abū ‘Abd Allāh Muhammad ibn ‘Abd Allāh ibn Idrīs al-Sharīf Al-Idrīsī), (Ed.C, f. V, p. 547), “Cidade de Lisboa (*Madīna Lashbūna*)”. In REI, António (trad.) – *O Gharb al-Andalus al-Aqsā na Geografia Árabe*. Lisboa: IEM, 2012. p. 132.

um dos espaços privilegiados. Em peregrinação, ou em busca de conhecimento, as viagens tornaram-se uma das formas de diálogo entre as diferentes civilizações, culturas e religiões. O acto de viajar permitiu ainda a convivência entre muçulmanos, cristãos e judeus no al-Andalus, assim como a ligação importante entre o Oriente e o Ocidente, desenvolvendo a diplomacia, a tolerância religiosa, o livre-comércio e a pesquisa académica e científica.

A partir do século X, Lisboa teve um crescimento notável e, para isso, contribuíram igualmente os círculos literários, onde se conversava sobre diversos assuntos. Os dicionários biográficos fazem alusão a algumas dessas reuniões de sábios, *fuqah*, nomeadamente na cidade de Lisboa. Mas é no século XI que Lisboa se destaca pelas tertúlias que desenvolveu, revelando a importância e a presença de algumas figuras relevantes a nível intelectual e religioso. Apesar da instabilidade política que se passou a viver com o desmembramento do al-Andalus em diversos reinos, os chamados reinos da taifas, o século XI (e ainda parte do século XII) foi a época áurea da cultura e da literatura. Cada uma das taifas rivalizava entre si para ter os melhores poetas, os melhores filósofos e cientistas, etc. Alguns dos reis e dos governadores desenvolveram mesmo o mecenato com o intuito de promoverem a cultura do seu reino. É, assim, o século de ouro da literatura do al-Andalus, sobretudo da poesia, onde se destacaram alguns poetas de renome, como por exemplo, o rei-poeta al-Mu'tamid, Ibn 'Ammār, Ibn Zaydūn, Wallāda, Ibn Muqānā, Ibn Bassām, entre outros.

Os círculos literários, que os árabes conheceram a partir da cultura grega (dos conhecidos *symposion*), em árabe, denominavam-se *ma'yālis*. Nestes círculos literários, debatiam-se diversas questões ligadas à literatura e neles participavam poetas e homens sábios admitidos ao evento com o consentimento dos reis, príncipes ou governadores que promoviam tais acontecimentos. Nestas sessões, estavam também presentes algumas mulheres, não as mulheres de família, mas as conhecidas escravas cantoras, mulheres de grande beleza e com grande sabedoria em vários campos do saber, sobretudo nas artes da dança, da música e da poesia. Eram elas que, geralmente, serviam o vinho e animavam os serões com a beleza dos seus poemas, cantos e danças:

Conocido es cómo algunas de las esclavas *ṣaqāliba*, eran educadas para ser una especie de *hetairas* o “esclavas de lujo”, siendo adiestradas en los más variados campos del saber, con especial incidencia en la música y la poesía, llegando a alcanzar algunas de ellas una gran maestría como esclavas cantoras o *qiyān*. [...]

Sólo eran necesarios unos oídos sensibles para escuchar, y estos oídos interesados no faltaban en los círculos literarios andalusíes⁵.

Os locais desses círculos literários eran diversos: casas, palácios, jardins, espaços ao ar livre junto dos rios, etc. Geralmente, era servido um banquete e, na maior parte das vezes, iniciavam-se durante a tarde e prosseguiam durante a noite. Algumas dessas tertúlias mais famosas foram as da corte do rei poeta al-Mu'tamid, rei da taifa de Sevilha (século XI) que teve um papel importante no desenvolvimento das artes, da cultura e, essencialmente, da literatura durante a sua época.

Curiosamente, estes círculos literários tinham algumas regras que deviam ser respeitadas. Abū Nuwās, num dos seus poemas, apresenta algumas dessas regras:

1. Estar elegantemente vestido e ter uma atitude digna;
2. Mostrar-se bem educado com os seus convidados e fazer gala de bom carácter;
3. Rejeitar toda vaidade e não ostentar as suas origens, quaisquer que sejam;
4. Os comensais estão reunidos para beber; é necessário ser breve e não monopolizar a palavra;
5. Mostrar-se nobre e generoso e esquecer pela manhã tudo o que se possa ter feito e dito durante a noite⁶.

Nas tertúlias literárias, para além de se discutirem e apresentarem novas formas poéticas, desenvolviam-se diversos temas, sobretudo báquicos e amorosos e nelas se destacava a figura da escrava cantora. Como afirma Celia del Moral:

El resto de las mujeres a quienes se alude en los *mayālis* solían ser esclavas, ya que no le era permitido a una mujer libre (esposa, madre o hija de algún noble) participar en estas tertulias a la vista de otros hombres que no fueran de la familia. Las esclavas podían ser de servicio o bien las esclavas cantoras (*qiyān*), que gozaban de una educación y status especial. Podía decirse de ellas que eran una especie de cortesanas –semejantes a las hetairas griegas–, si bien no eran libres a menos que su dueño las manumitiera o compraran su libertad; por lo demás, tenían más libertad de acción que las mujeres llamadas libres. Desde niñas eran preparadas en escuelas especiales para el placer de los hombres y se les enseñaba, además de música y canto, toda una serie de conocimientos para participar en las reuniones de la corte y mantener una

⁵ PONS, Luis F. Bernabé – “Maria Jesús Rubiera y sus estudios sobre los orígenes de las jarchas romances”. *Sharq al-Andalus* 10-11 (1993-1994), p. 142, Homenaje a M^a Jesús Rubiera Mata.

⁶ Cf. BENCHEIKH, J. – “Poésies bachiques d’Abu Nuwas. Thèmes et personnages”. *Bulletin d’Études Orientales* 18 (1963-1964), pp. 65-67.

conversación inteligente con cualquiera de los invitados, por lo que llegaban a alcanzar un mayor grado de conocimientos y educación que las mujeres libres.

[...]

En definitiva y como conclusión, tenemos que decir que al igual que en el *symposion* griego, vino y amor son los dos elementos fundamentales de las tertulias literarias árabes, junto con la poesía que se deriva de estos temas y una búsqueda incesante de los placeres terrenales⁷.

É ainda de realçar a importância dos poetas durante este período, pois a poesia estava ao serviço de uma série de acontecimentos e era, ao mesmo tempo, uma forma de propaganda política da época. Porém, na literatura árabe esta importância do poeta advém já do período pré-islâmico, onde os poetas sempre tiveram um papel de destaque e, muitos deles, ocuparam cargos importantes, como por exemplo, secretários, governadores, reis, príncipes, etc. Por outro lado, a maior parte dos poetas procurava obter fama e prestígio na sociedade, através da sua arte, junto dos monarcas e governantes que, geralmente, os ouviam nesses círculos literários, onde cada poeta apresentava a sua poesia. Assim, os poetas, através dos seus poemas, divulgavam casamentos, nascimentos, vitórias, viagens, festas, doenças, mortes, etc. Ibn Wahbūn (1092), num dos seus poemas, afirmava que os poetas tornavam os reis imortais através dos seus agradecimentos e elogios, tendo nascido apenas para os servirem e glorificarem.

Neste sentido, os panegíricos eram muito cultivados pelos poetas do al-Andalus e foram também uma forma de divulgação do poder dos homens da corte (governantes, príncipes, soberanos, etc.). Este aspecto explica a importância que os poetas tinham e, ao mesmo tempo, o grande número de poetas que nasceu, ou passou pela cidade de Lisboa, foi prova disso mesmo. Assim, através dos círculos literários, os poetas, para além de elogiarem os senhores da corte, contribuíam para o entretenimento, sendo depois convidados para outros eventos, nomeadamente para algumas festas. Por isso, os círculos literários eram o espaço ideal para os poetas apresentarem os seus dotes poéticos.

A título de exemplo, para além de Abū ‘Abd Allāh Muḥammad ibn Ibrāhīm al-Fihri, na cidade de Lisboa, Abd al-Raḥmān II, Emir de Córdoba (822-852), foi um homem que promoveu desde cedo esses círculos literários, onde a poesia e a música tiveram momentos gloriosos. Também Manṣūr (Almanzor) b. Abī ‘Āmir (938-1002) desenvolveu na sua corte esses círculos literários. Almanzor dava grande importância aos poetas e obrigava-os a prestarem provas da sua sabedoria na área da literatura árabe. Tal como outros o fizeram antes e depois, também ele reuniu,

⁷ MORAL, Celia del – “Las sesiones literarias (maḥālis) en la poesía andalusí y su precedente en la literatura simposiaca griega”. *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos*, Sección Árabe-Islam 48 (1999), pp. 270-271.

frequentemente, os poetas da sua corte, não apenas os nascidos no al-Andalus, mas também outros vindos do Oriente. Por exemplo, Abū l-‘Alā’ Šā’id b. al-Hasan b. ‘Īsa al-Raba’ī, al-Lugawī, al-Bagdādī, mais conhecido por Šā’id al-Bagdādī, foi um poeta vindo de Bagdad, muito apreciado por Almanzor e que teve um papel fundamental na literatura do al-Andalus. A título de curiosidade, a poesia foi tão importante para Almanzor que ele mesmo criou um *dīwān* (recolha de poemas, antologia poética) e os poetas recebiam muitas renumerações pelos seus dotes poéticos. Šā’id al-Bagdādī era um dos mais prestigiados, o que provocou alguma inveja por parte de outros poetas da corte de Almanzor, tendo dado origem a várias peripécias de ordem literária. Tudo isto, graças à sua poesia, mas também à sua capacidade de improvisação (informações que encontramos referidas na obra de Ibn Bassām, *Dajīra* e também na obra de al-Marrākuši, *al-Mu’yib*).

Os círculos literários eram também locais de competição entre os poetas, até aconteciam algumas disputas e improvisações poéticas, pois todos pretendiam demonstrar as suas qualidades. Segundo as fontes da literatura do al-Andalus (por exemplo, a *Dajīra* de Ibn Bassām, também ele frequentador das tertúlias de Lisboa), estas reuniões literárias eram frequentes e nelas se compunham versos para se apresentarem as competências de cada poeta. Outro aspecto a salientar nos círculos literários, era a importância que se dava aos modelos vindos do Oriente. Por isso, os poetas do al-Andalus, incluindo os que frequentavam os círculos literários de Lisboa, preocupavam-se com a excelência dos seus versos, contribuindo para uma certa idealização da própria poesia do al-Andalus. Ibn Bassām é, por isso, muito selectivo na sua *Dajīra*, pois exclui dela algumas coisas, como por exemplo, a poesia mais satírica, ou a forma poética das *muwashshaha*.

Tendo em conta essa relação da corte com a poesia e, conseqüentemente, com os círculos literários, eles também funcionaram como promotores da ideologia dos monarcas ou governadores. Em tempos de crise, essas tertúlias eram o reflexo da situação política de cada momento, aspecto que se verificou, por exemplo, com a crise do califado, no início do século XI, ou com as crises durante os períodos almorávida e almóada. Devido a estes factores de instabilidade, alguns poetas procuraram a sua sorte fora da corte. Além disso, os círculos literários, incluindo os de Lisboa, promoviam a poesia, a música, mas também o acto de viajar. Os poetas, para divulgarem os seus poemas, viajavam por todo o al-Andalus e também pelo Magrebe. As próprias ruas foram palco para os poetas, o que conferiu um carácter mais popular a alguns poetas, reflectindo-se também nos círculos literários (cite-se o exemplo de Ibn Quzmān, que desenvolveu a forma poética do *zajal* (zéjel), e que esteve em diversas cidades, quer no al-Andalus, quer no Magrebe).

É de salientar que o esplendor da poesia chegou também a Lisboa e atingiu notoriedade logo no século X-XI até ao século XII, aspecto que motivou a vinda de

muitos intelectuais, nomeadamente de poetas e de homens de religião, não apenas das restantes cidades do al-Andalus, situadas na actual Espanha, mas também de outras regiões, sobretudo do Norte de África. Na cidade, nasceram e viveram figura importantes, tais como ‘Abd al-Rahmān Ibn ‘Ubayd al-Lisbūnī, homem sábio e conhecedor da lei islâmica, que viveu em Lisboa durante o período do emirado independente de Córdoba. Mas a cidade “despertou” para a cultura, principalmente a partir do período califal de Córdoba, com o impulsionamento de ‘Abd al-Rahmān III que, em Córdoba, contribuiu para o desenvolvimento da ciência, da arte e da poesia no al-Andalus. Não ficando Lisboa alheia a esse aspecto, os governadores desse período – Qāsim Ibn Rā’iq (934); ‘Abd al-Warikh (934-937) e Ahmad Ibn ‘Amr (a partir de 937) – promoveram igualmente o desenvolvimento cultural e económico da cidade. Já no período das primeiras taifas, apesar de ser uma época muito conturbada, Lisboa era considerada a maior cidade do Gharb al-Andalus.

No século XI, é governador da cidade ‘Abd al-Mālik Ibn Sābūr al-‘Āmir e, em meados desse século, o rei da taifa de Badajoz, Muzaffar Ibn al-Aftas (1045-1058), nomeia para cadi de Lisboa Abū ‘Umar Ibn ‘Abd al-Barr, de Córdoba, que era um importante literato, tendo contribuído muito para a vida intelectual e literária de Lisboa, cidade onde escreveu a maior parte da sua obra. Deste poeta, destaque para o seguinte poema:

amo-a!
e ela se compraz com o meu tormento.

é lua sobre o ramo
ou sobre duna erguida.
sobre tal beleza o que mais dizer?
seria inútil...⁸

Posteriormente, surgiram outros governadores que continuaram a desenvolver a cidade, como por exemplo, Abū ‘Abd Allah Ibn Qirā, Ibn Hūd, um príncipe e poeta de Saragoça, etc. Outros homens notáveis foram ainda Abū Zayd ‘Abd al-Rahmān Ibn Idrīs (literato e teólogo), Muḥammad Ibn Umār Ibn Mundhīr (grande tradicionista), Abū ‘Umār Yūsuf Ibn Khalaf (juiz), entre outros. Porém, de todos os ilustres que nasceram ou viveram na Lisboa islâmica, e de acordo com o título deste artigo, destaque para os poetas: Abū Zayd Ibn Muqānā al-Qabdhāqī al-Lisbūnī; Bakkar Ibn Dā’ūd al-Marwānī; ‘Alī Ibn Isma’īl al-Lisbūnī al-Xaqabānī; Abū Jā’far Ibn al-Dūdīn; Abū Muḥammad Ibn Hūd al-Judhamī; Abū ‘Āmir Ibn al-Asilī; Abū l-Hasan Ibn Bassām

⁸ IBN ‘ABD AL-BARR, in ALVES, Adalberto – *O meu coração é árabe*. 3ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998, p. 117.

al-Shantarīnī; Abū Bakr Ibn Sawwār; Abū ‘Alī l-Jalil Mufarrīj Ibn ‘Isām al-Fihri al-Lisbūnī; Abū l-Hasan ‘Alī Ibn Isma’il at-Qurashī at-Tulaytulī al-Lisbūnī; Abū ‘Umar Ibn ‘Abd al-Barr al-Nurmayrī; Abūl-Fath Sa’dun Ibn Mas’ūd al-Muradī; Muḥammad Ibn Sumīr al-Lisbūnī e Muḥammad Ibn Yāhyā al-Ansarī al-Maqqarī al-Khazrājī.⁹

De entre os poetas referidos, salientamos Abū Zayd Ibn Muqānā al-Qabdhāqī al-Lisbūnī, mais conhecido por Ibn Muqānā e Abū Muḥammad Ibn Hūd al-Judhamī. O primeiro, nasceu em Alcabideche, mas desenvolveu cargos políticos em Sevilha e em Granada. Regressou mais tarde à sua terra natal, vivendo uma vida simples e em comunhão com a natureza, aspectos bem explícitos no seguinte poema:

ó homem de Alcabideche
 que não te faltem sementes
 que o labor do teu moinho,
 cuja vela o vento mexe,
 possa ter o remoinho
 que dispensa as correntes.
 em ano bom só terás
 não mais que vinte medidas
 pois que as restantes verás
 pelos javalis comidas.
 é terra de pouca valia,
 como eu próprio, agora surdo.
 deixei corte luzidia,
 mais o seu luxo absurdo.
 em Alcabideche estou
 no campo silvas cortando
 com a podoa trabalhando.
 se alguém te perguntar
 se do teu trabalho gostas
 tu responde-lhe que sim:
 quem ama ser livre assim
 de bom carácter dá mostras.
 bastam-me só o amor
 e dávidas que recolhi.
 deixei tudo sem rancor
 e em tempo de primavera
 a este chão acolhi.¹⁰

⁹ Cf. ALVES, Adalberto – *Em busca da Lisboa Islâmica*. Col. «Edição do Clube de Colecionador dos Correios», s.l.: CTT Correios de Portugal, 2007.

¹⁰ IBN MUQĀNĀ, in ALVES, Adalberto, *O meu coração é árabe*, p. 171-172.

O segundo, Al-Judhamī, nasceu em Saragoça, mas viveu parte da sua vida em Lisboa. Foi um poeta que percorreu diversas cortes, no entanto, os seus dotes poéticos fizeram dele governador de Lisboa, pois Al-Mutawakkīl, impressionado com o seu talento, nomeou-o para o cargo. A origem da sua família adveio dos Banū Hūd que ele próprio satiriza no poema, visto ter sido considerado, possivelmente, bastardo:

Ó Húdidas!
 como estais longe do caminho recto!
 perdestes todo o sentido da justiça?
 eu sinto-me como o Sol, deveras!
 a menos que julgueis que é densa a treva
 a escura cor desta minha tez
 tão pronta a toldar-lhe a luz e brilho.
 embora! Não corteis os laços que nos unem!
 «esse nariz vosso permaneceria
 ainda que fosse mutilado!»¹¹

Na sequência da importância dada à literatura, e mais concretamente à poesia, os poetas que nasceram ou viveram na cidade de Lisboa contribuíram para o seu prestígio literário. Como refere Teresa Garulo:

Algunas de las biografías de estos poetas que se encuentran en Lisboa en el último cuarto del siglo V/XI, prácticamente las únicas localizadas hasta la fecha, dejan entrever algunos detalles sobre la forma de establecer relaciones entre ellos o de mantenerlas, y del ritual generado en torno a las tertulias y reuniones. Naturalmente, figura de manera dominante la correspondencia en prosa rimada y el intercambio de versos, que casi siempre exige la forma de *mu'arada*, es decir, el poema de respuesta se compone en el mismo metro y con la misma rima que el primero enviado. Por ejemplo, el primer encuentro de Ibn Bassām con Ibn al-Aṣīlī se produce como resultado de la invitación de éste a un grupo de hombres de letras de Lisboa. No hacía demasiado que había llegado a la ciudad, su situación empieza a ser más desahogada, y quiere formar parte de la vida literaria local. Terminada la reunión, les envía a cada uno de ellos una misiva, acompañada de unos versos, agradeciéndoles la amabilidad de haber acudido a su casa y aludiendo a algún detalle de la tertulia. Los versos que dirige a Ibn Bassām, los únicos conservados porque los cita el antólogo, razonablemente halagado, juegan con los tópicos de la poesía báquica propia

¹¹ AL-JUDHAMÍ, in ALVES, Adalberto, *O meu coração é árabe*, p. 22.

de este tipo de reuniones, e Ibn Bassām se apresura a contestar con dos versos en el mismo metro y rima¹².

Adalberto Alves fala-nos também dessa faceta intelectual e cultural da Lisboa islâmica:

O prestígio alcançado por Lisbūna, neste século e meio final da sua existência como cidade muçulmana, tem a ver com a prosperidade económica derivada do desenvolvimento e valorização da zona costeira da região. Esse facto em muito contribui para o reforço da sua condição como potência marítima, o que converte a cidade em pólo de atracção e fixação, não só de mercadores e viajantes, mas também de agentes de ciência e cultura que, por isso, a escolhem para nela viverem e desenvolverem as suas actividades. [...]

Sinal desse fenómeno é a categoria intelectual dos políticos da cidade. É eloquente o testemunho de Ibn Bassām al-Shantarīnī que, no seu *Tesouro* (*Dhakhira*), deixou escrito, quando se encontrava nela em 1084, a propósito da figura do vizir alfaqui ‘Abū ‘Abd Muhammad Ibbrahīm al-Fihī, ele «era a alma da região e o seu salão [de tertúlias] em Lisboa o ponto de encontro da prosa e da poesia»¹³.

Segundo alguns estudiosos do período do al-Andalus, como por exemplo Teresa Garulo, a partir, essencialmente, da antologia literária de Ibn Bassām, houve em Lisboa um círculo literário e este aspecto trouxe à cidade um grande número de poetas, embora muitos deles tivessem nascido na cidade. Como já referimos anteriormente, Muḥammad b. Ibrāhīm al-Fihrī foi um governador ou ministro da cidade de Lisboa que teve um papel fulcral na sua época, principalmente no desenvolvimento dos círculos literários na cidade. Segundo Teresa Garulo, “por las palabras de Ibn Bassām, parece haber actuado como mediador en los conflictos políticos que sin duda se producían en la ciudad y sus distritos en un momento en que la presión de Castilla se hacía sentir pesadamente”¹⁴. Ibn Bassām, poeta e literato da época, nascido em Santarém, na sua magistral obra *Ḍajīra*, dá-nos conta da importância desse homem como um verdadeiro mecenas, defensor das artes e das letras, mas que acabou por ser assassinado. A obra de Ibn Bassām, *Kitab Dhakhīra fi Mahasin Ahl Al Jazeera* (*Livro do Tesouro das belas qualidades da população da Península*), apresenta informação importante para a literatura do al-Andalus. A antologia divide-se em 4 partes: na primeira, faz referência aos sábios de Córdoba e

¹² GARULO, Teresa – “Lisboa (siglos XI-XII): un círculo literario y una entrevista”. *Anaquel de Estudios Árabes*, vol. 21 (2010), pp. 211-212.

¹³ ALVES, Adalberto, *Em busca da Lisboa Islâmica*, p. 85.

¹⁴ GARULO, Teresa – “Lisboa (siglos XI-XII): un círculo literario y una entrevista”, p. 203.

dos arredores (incluindo Granada, Jaén, Almería e Málaga); a segunda é referente à zona ocidental, ao Gharb al-Andalus (incluindo Sevilha, Badajoz e o que é hoje o sul de Portugal); a terceira é sobre a região do Levante (Múrcia, Dénia, Valência, Tortosa, Saragoça, etc.) e a quarta é relativa aos literatos do Norte de África, Síria e Iraque que estiveram no al-Andalus. Como se pode verificar, a segunda parte é aquela que abrange o Gharb al-Andalus e onde reunimos parte da informação relevante para a temática dos círculos literários. Ibn Bassām, também poeta, pretendeu reunir e apresentar os nomes e os textos dos autores do seu tempo. Como ele mesmo afirma na sua antologia:

Empecé a reunir lo que pude encontrar de las hermosas composiciones de mi época y a proseguir la búsqueda de las excelencias que legaron mis compatriotas y coetáneos, lo cual hice impulsado por mi celo al ver que aquí, en este extraño país, aunque haya producido muchos doctos literatos, las medias lunas se toman por lunas llenas y sus grandes mares por insignificantes embalses. Hace tiempo que los hombres menosprecian la instrucción y tienen en poco a los numerosos eruditos que hay. Cuántos escritores notables hemos tenido cuyos escritos habían perecido aún antes que ellos! Quisiera saber quién es el que pretende que el conocimiento es patrimonio de un único tiempo, y que sólo los orientales han descollado por sus escritos hermosos! He descrito [en este libro] para los que tienen que ver con la materia en cuestión tantas cosas hermosas que conmoverán los ánimos y fascinarán a poetas y secretarios, cosas que han sido compuestas por gente de este tiempo¹⁵.

Ora, é neste contexto que o poeta e literato Ibn Bassām vem de Santarém a Lisboa, durante a época de Abū ‘Abd Allāh Muḥammad ibn Ibrāhīm al-Fihri, onde vive durante algum tempo, frequentando e promovendo os salões literários do governador. Como nos relata o próprio poeta:

El ministro y alfaquí Abū ‘Abd Allāh Muḥammad ibn Ibrāhīm era el alma de esa región, y su salón en Lisboa el punto de reunión de la prosa y la poesía. Allí sufrió la muerte y la injusticia —Dios eleve su rango y haga parecer a sus asesinos—. Cuando se eclipsó aquella estrella rutilante y de súbito se oscureció el cielo, se desataron las calamidades sobre occidente, pues no hubo quien derramase sobre sus habitantes la luz del discernimiento, y los acogiese propicio, como reciben las estrellas los rayos del sol, acercase a sus metas lo que estaba alejado, y consiguiera lo inaccesible con opiniones acertadas,

¹⁵ «IBN BASSĀM AL-ŠANTARĪNĪ», in DELGADO, Jorge Lirola; VÍLACHEZ, José Miguel Puerta (dir./ ed.) – *Biblioteca de al-Andalus: de Ibn Aḏḥā a Ibn Bušrā*. Vol. 2, col. «Enciclopedia de la Cultura Andalusí». Almería: Fundación Ibn Tufayl de Estudios Árabes, 2009, p. 583.

cortantes como espadas, y agradables medidas políticas: fuerza y suavidad, movimiento y quietud. Estuve unido a él en aquel occidente con firme lazo, y por él me apoyé en el inexpugnable Tabir, y me establecí en el más espacioso campamento y en los pastos más fértiles¹⁶.

Por ser um homem muito apreciado nos meios intelectuais de Lisboa, a morte de al-Fihri desencadeou diversas lamentações e alguns dos poetas, frequentadores dos seus salões literários, lamentaram, em verso, a sua morte:

Por ti, Ben Ibrāhīm, lloran las nubes,
y por ti se lamentan las palomas;
no están a salvo, no,
del trueno y del relámpago del cielo,
– brillo de espadas, gritos de combate –.
No es mucho, pues, que, para acompañar
las parihuelas que conducen tus despojos,
al funeral acudan las estrellas
de la Osa mayor,
que se vistan de luto los brillantes luceros,
lloren por ti la gloria y las nobles acciones,
is las perlas de su collar
y caigan de las manos de las Pléyades sus anillos¹⁷.

Pelos nomes referidos inicialmente, alguns dos frequentadores dos círculos literários eram também os ascetas poetas que, tal como os restantes, apresentavam os seus poemas nessas tertúlias. Estas referências são relevantes, porque demonstram a presença de ascetas na cidade ou região de Lisboa. Ou seja, a prática mística ascética ou sufi também existiu no Gharb al-Andalus, nomeadamente na cidade de Lisboa. O Sufismo é considerado uma prática ascética com a qual se estabelece o verdadeiro conhecimento da entidade divina, através da iluminação, que permitirá aceder ao conteúdo da Revelação corânica. No Sufismo, a poesia é também um dos principais veículos de expressão da mística islâmica. Através da linguagem poética, o sufi acaba por fundir-se na própria linguagem como se fundisse com Deus. Como afirmámos no artigo “O mito da Criação no Corão e o seu reflexo na mística sufi”:

¹⁶ IBN BASSĀM, Al- *Dajira fī mahāsīn ahl-Āzīra*, ed. I., ‘Abbas, Beirut, Dār al-Ṭaqāfa, 1978, III, 865-866, *apud* GARULO, Teresa – “Lisboa (siglos XI-XII): un círculo literario y una entrevista”, p. 203.

¹⁷ IBN BASSĀM, *Dajira*, II, 478, *apud* GARULO, Teresa – “Lisboa (siglos XI-XII): un círculo literario y una entrevista”, p. 204.

O Sufismo sempre teve uma grande relevância nos acontecimentos religiosos, históricos, políticos e culturais e, em alguns casos, procurou aliar o carácter ascético com o guerreiro, levando a cabo não apenas uma missão mística, mas também uma missão política, onde o vocábulo *jihâd*, ou guerra santa, adquire um duplo sentido: por um lado, representará a “guerra interior” do místico consigo próprio, contra o seu ego, no caminho da perfeição, para poder atingir a união com Deus; por outro, consistirá também em proceder de acordo com as regras corânicas, procurando proclamar as palavras de Allah através de uma sociedade em que reine a justiça e o amor. Esta via pressupõe uma “viagem iniciática” através da qual o sufi procura atingir a perfeição¹⁸.

Neste contexto, destaque para os ascetas de Abū l-Hasan ‘Alī b. Ismā’il e Bakkār b. Dāwrid al-Marwānī. O primeiro, conhecido por al-Ṭayṭal o de Sacavém, fazia *ribat* na conhecida *zāwiya at-Taytal*, ou seja, *Azóia de Taytal*; o segundo, nasceu em Sintra (1048), viveu parte da sua vida em Córdoba, mas regressou de novo a Lisboa. Tal como al-Ṭayṭal, também foi um asceta e, através da entrevista que deu a Ibn al-Imām (que procurava recolher textos para a sua antologia), aquando de um círculo literário, ficámos a conhecer melhor a vida deste homem do Gharb al-Andalus. Porém, não nos cabe, no âmbito deste artigo, desenvolver estes aspectos ligado ao misticismo islâmico no Gharb al-Andalus, por isso, citamos apenas o seguinte poema ascético atribuído a al-Ṭayṭal:

Su cuerpo esbelto y delgado
 se diría tallado en demasía;
 es una negra que acarrea su alimento
 en el extremo aguzado de unas pinzas;
 el final de su cuerpo se parece
 a una gotita de alquitrán,
 o a un punto seco que ha caído
 del cálamo del muftí;
 se afana y se provee en verano,
 y almacena comida para un tiempo de penuria;
 llena de decisión,
 se sostiene en la tierra con patitas
 finas como el cabello
 de un niño prematuro;
 corre como al azar, mas luego a veces,

¹⁸ NUNES, Natália Maria Lopes – “O mito da Criação no Corão e o seu reflexo na mística sufi”. In VILELA, Ana Luísa; et al. (orgs.) – *Representações do Mito na História e na Literatura*. Évora: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Évora, 2014, p. 770.

en la negrura de la noche,
 en línea recta se dirige al ojo de la aguja.
 El hombre no oye dónde cae,
 si en una blanda vega o en el desierto.
 Da testimonio de que Dios en su poder
 de esta manera la ha creado,
 y hace a la fantasía
 impotente para describirla
 —no pienses conseguirlo si examinas sus miembros—.

Proclama a todas horas la alabanza de Dios
 hablando al corazón en el silencio.
 ¡Loado sea quien distingue
 su alabanza y su peso de los del camello!
 Y yo soy a su lado, por mi debilidad extrema,
 tan poca cosa como la hormiga frente a éste,
 sin que puedan contarse las diferencias;
 no, si lo intentase, por esa delgadez
 me perdería entre el vestido y el forro,
 pues más delgadas y endebles
 son la finura de mi mente y la flaqueza de mi suerte;
 Mi alma, sin embargo, y la nobleza de mis miras
 son una estrella en que se mira Venus,
 como en Venus se complace el viajero¹⁹.

Os círculos literários de Lisboa (e de todas as outras cidades do al-Andalus) mostram bem como a poesia dominava as actividades literárias. Ela fazia parte da aprendizagem dos jovens aristocratas. Contudo, os círculos de Lisboa foram também uma forma de demonstrar o poder de Abū ‘Abd Allāh Muḥammad ibn Ibrāhīm al-Fihri como mecenas. Esse mecenato ligado principalmente à literatura, desenvolveu-se sobretudo no período das primeiras taifas (século XI). As diferentes taifas rivalizavam umas com as outras e os círculos literário foram uma clara manifestação do mecenato para o desenvolvimento das artes literárias. Os poetas que estavam ligados à corte eram, assim, os que promoveram e eternizaram os méritos do “seu senhor” através da escrita. Segundo as fontes árabes, nomeadamente al Marrākuṣī, al-Mu’tamid, governador de Silves e, posteriormente, rei da taifa de Sevilha, estava rodeado de poetas: «il ne prenait comme vizirs que des hommes

¹⁹ “Sigo en la traducción la versión algo más extensa que recoge Ibn ‘Abd al-Malik al Marrākuṣī, *Al-Dayl wa-l-takmila*, V, ed. I. Abbās, Beirut: Dar al-Taḳāfa, 1965, pp. 196-197”, *apud* GARULO, Teresa – “Lisboa (siglos XI-XII): un círculo literario y una entrevista”, p. 205.

ayant de la littérature, poètes versés dans toutes sortes de connaissances, de sorte qu'il avait autour de lui une réunion de ministres-poètes telle qu'on n'en vit jamais»²⁰.

A vida dos poetas era também cheia de aventuras e de paciência, vida de errância de cidade em cidade para mostrarem os seus talentos. Como dizia Ibn Bassâm, um homem de letras deveria sempre de colocar o seu talento ao serviço de um príncipe, a fim de ganhar notoriedade. Ora, em Lisboa e em outras cidades, a disputa entre poetas nos círculos literários era grande, havendo mesmo alguma competição, como já referimos anteriormente, pois cada um tentava mostrar a sua superioridade.

Com esta abordagem sobre os círculos literários na Lisboa islâmica, partilhamos a reflexão de Teresa Garulo sobre o facto de estas tertúlias literárias demonstrarem a vivência intelectual e literária da época na cidade de Lisboa:

En este relato hay otros puntos sobre los que merece la pena llamar la atención, aparte de los detalles sobre la vida cotidiana que nos ofrece. Destacaré solamente dos, uno de ellos es el papel de los hombres de religión que parecen marginales al mundo de los ulemas. Bakkār b. Dāwrid al-Marwānī pertenece al mismo mundo de al-Ṭayṭal, autoridades religiosas locales, que solo de tarde en tarde se asoman a las obras destinadas a perpetuar la memoria de los ulemas y sus actividades, y posiblemente sea de más interés para los que se dedican al estudio de los movimientos religiosos. El segundo, y el que a mí más me interesa en estos momentos, es la tolerante aceptación, que no siempre se produce, de una poesía frívola y burlesca, que con frecuencia se manifiesta con un lenguaje atrevido y lleno de alusiones sexuales. Bakkār es un asceta, un hombre temeroso de Dios, y sin embargo está dispuesto a reírse con ella y a recordar que también los más piadosos de los predecesores, los musulmanes de la primera generación, estuvieron dispuestos a divertirse con historias procaces, sin fingir un recogimiento hipócrita, y no por ello dejaron de ser buenos musulmanes y modelos para las generaciones venideras²¹.

Em suma, no salão literário de al-Fihri, apresentavam-se textos em prosa, novos poemas, rimas e formas poéticas. Os frequentadores foram diversos, de entre eles, Ibn Bassâm, tendo sido nesses círculos literários que o literato conseguiu recolher muitos dos poemas e das informações contidas na sua antologia literária. De entre os participantes, destaque para Ibn al-Dūdīn, Ibn al-Aṣīlī, Abū Muḥammad ‘Abd Allāh b. Hūd, de Saragoça, Abū Muḥammad ‘Abd Allāh b. ‘Ubāda, conhecido por Ibn al-Qazzāz, de Málaga, Abū Zakariyyā Muḥammad b. Zakī ʿĪlumānī, de

²⁰ MERRĀKECHI, ‘Abd el-Wāh’id – *Histoire des Almohades*. Alger: Libraire de L’Academie 1893, p. 90.

²¹ GARULO, Teresa – “Lisboa (siglos XI-XII): un círculo literario y una entrevista”, p. 215.

Juromenha, Abū l- Ḥasan ‘Alī b. Ismā’il, conhecido por al-Ṭaytāl, asceta da região de Sacavém, entre outros.

Tendo em conta todos os aspectos, podemos afirmar que estas tertúlias faziam parte da vida social e a corte era o local privilegiado da vida intelectual da cidade. Neste sentido, os poetas deram também o seu contributo para o desenvolvimento cultural e para o carácter cosmopolita da cidade de Lisboa, mostrando ainda que a literatura do al-Andalus não era inferior à literatura oriental. Foi graças aos círculos literários que a produção dos poetas, ou seja, o seu legado literário, foi conhecido e, posteriormente, divulgado às gerações seguintes através dos textos que sobreviveram até à actualidade.